

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulário de la loi contre la presse)

Editor: ANTONIO R. SANTOS

Redactor principal: ANTONIO TEIXEIRA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Comp. na Tip. de «A COMUNA»—Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Ponta do Sol, 32

Redacção e Adm., (Provisória):
RUJA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: 50

A BOA DOUTRINA AUXILIO E ASSISTENCIA A' REVOLUÇÃO RUSSA

Evitou-se, de momento, uma nova guerra. Ninguém ignora que a situação foi grave, grave, continua a ser e que estivemos a dois passos duma intervenção armada contra a revolução russa. E a situação, por mais ridícula que seja para os nossos governantes, mantem-se bastante séria para não descurarmos uma activa vigilância...

Na verdade a ameaça é permanente e, de facto, há muito já que se passou das palavras aos actos.

Não ás claras, como esteve para acontecer recentemente, mas por uma acção subterrânea, hipócrita, que consistiu em assoldar aventureiros, e em fornecer apoio pecuniário e material ás nações nascidas por obra e graça do tratado de Versailles, que tudo devem aos aliados, como é o caso da Polónia. Ninguém o ignora.

Estas ameaças, mais ou menos disfarçadas, de há muito se traduziram em actos de hostilidade para com a nação russa. E assim será enquanto a revolução proletária tiver de viver ao lado dos Estados capitalistas; enquanto a contra-revolução mundial não conseguir abater esta revolução o que, de dia para dia, se torna cada vez menos provável; continuaremos assim, até ao dia em que a revolução mundial, socorrendo a revolução russa, tiver esmagado definitivamente os regimens de rapina e de imperialismo que nos dominam.

A guerra contra a Rússia existe, de facto, senão oficialmente pelo menos officiosamente, desde que os revolucionários russos, prossequindo na sua marcha, derubaram Kerensky e a sua Assembleia Constituinte, desde que os revolucionários russos expulsaram os imperialisistas a soldo dos Milionkoff e dos governantes aliados.

Seja-nos permitido dizer que, nessa época, fins de 1917, fomos os únicos, nós anarquistas, a tomar partido por aqueles que toda a gente qualificava de doidos, de exaltados, quando os não alucinavam de agentes da Alemanha.

Fomos os únicos a defender os bolchevistas, que, de resto, nos não satisfiziam, porque sentíamos que com eles estavam os verdadeiros revolucionários, estavam os anarquistas, para uma luta cujo desfecho era a destruição completa do poder e das instituições burguesas, poder e instituições baseadas num pseudo-democratismo e numa illusória representação popular: a Constituinte.

Depois, os acontecimentos sucederam-se. Ao governo burguês-democrata, que sucedeu ao tzarismo, sucedeu o governo bolchevique.

A ditadura burguesa, sucedeu a ditadura do proletariado, a dita dura do proletariado, que em suma, não é mais do que a posse do poder por um partido, pelos bolcheviques — e, não como muitos o acreditam — o exercicio do poder pelo povo.

Conforme a opinião de muitos outros revolucionários, revolucionários russos, em particular, o governo bolchevique, como todo e qualquer governo, toda a autoridade, toda a ditadura não nos sorri.

Mas essa questão deve ser debatida entre o povo russo, entre os revolucionários.

Nada tem com isso os governos dos outros paizes. E sabemos muito bem que não foi para unificar os revolucionários russos que os governos aliados lançaram contra eles as ordens mercenárias dos Koltchak, dos Denikine, dos Yondenich, ontem: dos Wrangel e da Polónia, hoje.

Os revolucionários russos, para solucionar os seus problemas de politica e de economia interna, não tem que dar satisfações a uma intervenção estrangeira, que não tem outro objectivo que não seja o esmagamento da própria revolução, pela derrota dos revolucionários. E' por isso que, conhecendo muito bem o perigo que corriam, todos fizeram uma front única para a defesa comum da revolução.

Conhecemos as brilhantes vitórias levadas a efeito: o exercito polaco, repellido, em desórden, de Kiew, capital da Ucrania, até aos muros de Varsóvia. E' que todos, tendo a consciência do perigo ameaçador, se atiraram ardentemente, bravamente para os campos da batalha, tendo em vista a própria salvaguarda.

Assim, justamente inquietos perante as derrotas sofridas pela sua aliada, os governantes da Entente pensaram em redobrar seriamente a sua actividade, na luta empreendida contra a revolução russa.

Até agora, em face da attitude resolutamente hostil do proletariado, do proletariado inglês, sobretudo, contentaram-se, aquelles illustres varões, com ameaçar mais fortemente prometendo auxilio mais activo, mais eficaz, mais efectivo, aos Polacos encravados.

Consenti-lo-hemos, como já fizemos ontem, como estamos fazendo, com relação á questão da Syria e tantas outras?

Desde há muito que os trabalhadores italianos tomaram nitidamente as suas posições.

Os trabalhadores ingleses, hoje, não se mostram menos enérgicos.

Os ferro-viários alemães fizeram saber que não se prestariam ao transito de armas, tropas e munições. Os austriacos, o mesmo affirmaram.

Os dockers de Dantzig recusam-se a fazer a descarga de vapores para a Polónia.

România, Yugo-Slavia, anunciaram a sua neutralidade.

Estas decisões exerceram influencia em Millerand e Lloyd George e a ellas devemos a desistência duma intervenção armada.

Obscuramente, o povo compreende agora que a sua salva-

Em prol de A COMUNA

Do nosso prezado camarada Joaquim Moreira da Silva, de Vila do Conde, recebemos 10\$00 escudos, produto da venda de algumas dezenas de canções sociais, cuja edição foi feita em prol de A COMUNA-diária.

Moreira da Silva, com a sua fé ardente no ideal anarquista, várias vezes tem prestado a sua solidariedade à imprensa operária, para esta poder sustentar-se a combater o Estado e os princípios autoritarios das classes dominantes.

Agradecemos.

A greve da Carris

Recebemos a seguinte nota officiosa:

Prezado camarada

Somos a comunicar-vos que se encontra momentaneamente solucionado o conflito que tinhamos aberto com a nossa administração para conseguirmos melhorar a nossa situação, e que o foi com as seguintes condições:

- 1.º um aumento de 1\$25 provisoriamente até Janeiro a todos os empregados e operários;
- 2.º serem preenchidas vagas de classe e do quadro admitido o pessoal sem represalias.

A classe retomou o trabalho disposta a continuar reivindicando melhoria de situação até que chegue o tam aneado dia da emancipação do proletariado.

Porto, 17 | 8 | 1920.

Pela Direcção da L. A. U. P.

Luis A. de Carvalho.

Mais um movimento reivindicador que termina duma forma devesas lamentável.

A classe em luta, não viu por completo satisfeitas as suas reclamações, ao passo que a Companhia verá aumentadas em 150 %, as suas receitas à custa do povo soberano... e pouco!

Quando se resolverem os trabalhadores a orientar os seus movimentos de forma a não lesar o publico, de que também fazem parte?

ção está ligada á sorte da Revolução russa: e apesar de desejarmos que elle manifeste os seus sentimentos a tal propósito, de forma diferente dessa passividade que toca as raizas da indifferença, não podemos negar que tais sentimentos, por mais obscuros que sejam, nem por isso deixam de existir, e são, de facto um poderoso factor em pró da Revolução russa. E esta força de inercia não deixa de impressionar os nossos governantes.

Não se fiam no cão que dorme.

Resta saber se estes sentimentos obscuros, clandestinos, serão suficientes para produzir a revolta, amanhã, se se tentasse, á força, uma intervenção... Tropas contaminadas pela dúvida e pela repugnância em realizar uma tal tarefa, podem rapidamente inutilizar-se, fazendo causa comum com o «inimigo» ou recusando-se á marchar. Veja-se o exemplo do 15.º corpo, dos amotinados de 1917, dos marinheiros do Mar Negro, etc...

Estas considerações, mais do que quaisquer outras, sem dúvida, fazem reflectir os dirigentes.

E' por isso que, em nossa opinião, a luta aberta nos não atemorisa: a mobilização, a intervenção armada. Mas, como já dissemos, a luta proseguirá hipocritamente, surdamente, pelo bloqueio e todos os meios, porque para as sociedades capitalistas é uma questão de vida ou de morte.

Enfileirados ao lado da Revolução russa, e revolucionários conscientes que nos consideramos, devemos fazer tudo para lhe dispensar auxilio e assistência e contribuir para suscitar, entre nós, a corrente de simpatia que há-de fazer recuar os nossos governantes e desviar-os da senda criminosa, em que se empenharam há tanto tempo.

Mas, se a guerra, apesar de tudo rebentasse, deveriamos recordar-nos dos exemplos de Paul Sanigny, Leconi e outros, tornando efectiva esta formula da Internacional anti-militarista: *Nem um ceitil, nem um homem para a guerra!*

(De Le Libertaire).

Núcleo Libertário Luz e Vida

Reunim este núcleo de propaganda para nomeação da direcção e organização do corpo scenico.

Entre outros assuntos, resolveu-se: que os utensilios do extinto grupo «Filhos da Verdade» passassem para a posse do núcleo; protestar inergicamente contra as infames perseguições de que veem sendo alvo as classes trabalhadoras e a sua imprensa e finalmente, saudar os trabalhadores organizados, bem como a imprensa revolucionária.

Núcleo da Juventude Sindicalista Metalurgica do Porto

Este núcleo comunica aos camaradas associados que a sua biblioteca já se encontra devidamente organizada, contendo grande numero de obras sociais e instrutivas e funcionando todos os dias das 20 horas em diante.

Na sede do núcleo também se encontram á venda alguns hinos, oferecidos por um camarada, revertendo o seu produto em beneficio do mesmo núcleo.

Pede-se aos associados que estejam em atraso de cotas, para satisfazerem na sede, o seu pagamento.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretario geral Ernesto Pinto C. Loureiro, rua Moreira Assunção, 37, casa, 1 — Porto.

OS VAMPIROS

Acaba de se organizar, na Inglaterra, a British Empire Steel Corporation, com um capital de 100 milhões de libras! E sabem para quê? Para regular toda a produção de aço, controlando todas as pequenas e grandes companhias que exploram essa industria!

Acutelem-se, pois, os importadores, de mais esta proeza dos «mais antigos aliados dos portugueses»... que, pelo visto, só são aliados para nos levarem as ceroulas — porque a camisa já no-la levaram há muito tempo...

TRAILITÂNIA VERDE-RUBRA

Estamos de novo atravessando um periodo de violências, atrocidades e infamias.

A Trailitânia azul e branca revive em toda a sua pujança, transformada apenas as cores da bandeira, mas trazendo mais accentuado ainda o espirito de intolerância, de ferocidade e de vileza e o cunho de covardia que tanto caracterizaram os caceteiros de D. Miguel e os trailiteiros do Alegro.

A imprensa avançada vive sob o regime da mordaca e a liberdade de reunião só e permitida aos adversários politicos no intuito velhaco e traiçoeiro de expo-los ao assalto de bandoleiros armados que os trailitam e vexam com o consentimento e apoio das autoridades constituídas.

Pela calada da noite grupos de bandidos esperam de embuscada os transeuntes indefezos a quem, traiçoeira e covardemente atacam e caceteiam seguros de impunidade, garantida pela sua qualidade de policias amadores, de pretensos defensores do regime e de promotores e componentes de manifestações politicas aos sobas da tribu...

Nos carceres da República transformados em modernos palácios de inquisição, praticam-se sobre os presos, momentaneamente sobre os presos por questões sociais, actos de requintada perversidade e malvadez procurando arrancar-lhes confissões de crimes que não praticaram, falsificando autos e assinaturas e forçando aventuras recambolascas, com o fim unico de justificar a necessidade da existencia duma corporação policial composta de seres de infima espécie, superlativamente estúpidos e supinamente canibais!

Por informações particulares que recebemos, enviadas por pessoas de toda a confiança, sabemos que os jovens sindicalistas presos sob a acusação de terem tomado parte num *complot* pela policia inventado, foram vitimas das maiores torturas, em tudo semelhantes ás, sobre os presos perpetradas, durante o periodo sidonista de execranda memoria.

Duma carta que recebemos recortamos os trechos que se guem e que são edificantes:

«O camarada Bernardino Xavier foi o mais violentado, evidenciando-se nestas torpezas o próprio dr. Reis Júnior, o qual, hipocritamente, nomeou uma comissão de inquerito para averiguar das nossas queixas. Este camarada foi agredido a cavalo-marinho, a soco, a pontapé, por um grupo de dez agentes, pouco mais ou menos, os quais, por fim, pisaram-n'o e arrastaram-n'o, de um canto a outro, deixando-o inanimado, quase não tendo forças senão para balbuciar a supplica por um pouco de água, que o sr. Reis Júnior, director da policia de investigação, recusou nestes termos: « — Também eu tenho sede, mas é de vingança, meu bandido! — » E, talvez por ordens suas, esteve o preso sem água, e recusando-se-lhe ainda uma migalha de pão. E outros tratos sofreu, como os outros presos também sofreram, segundo vamos expôr. Manuel Mário Ramos — agredido, com a coronha de uma pistola, num olho, com tamanha violência durante minutos, cambaleou estonteado; e, durante dias, apresentou um bem accentuado circulo rôxo em volta do mesmo olho, notando-se-lhe também, enorme mancha vermelha no peito, resultado de outras aggressões.

Enrique de Paiva — com uma escoriação no pescoço, resultante de uma pancada com cavalo marinho, também recebendo outras aggressões. David de Carvalho foi enxovalhado e insultado por muitos agentes, chegando o agente Duarte a es-carrar-lhe no rôsto, agredindo-o com um pontapé também no rôsto, quando se achava sentado num corredor do governo civil, cansado das privações.

Todos os presos eram obrigados a *confessar* com as armas á vista, chegando o secretario a encostar uma pistola á boca do camarada David, quando elle negava. Este senhor, também se fez notar pela sua dureza de carraço, ameaçando-os de morte, ou com os supplicios mais horribes, se se mantivessem na negativa, chegando a agredir brutalmente alguns dos nossos camaradas com uma regua, com armas de fogo portateis, etc.»

Contra estas infamias e atrocidades praticadas portas a dentro do governo civil de Lisboa levantamos o nosso protesto veemente e enérgico.

Não devemos porém ficar por aqui. E' preciso que toda a imprensa operária levante uma campanha formidável contra as selvagerias e violências praticadas pelos modernos inquisidores verde rubros, e á imprensa operária de Lisboa, especialmente a mais revolucionária, a mais estremista, cabe a missão árdua mas honrosa, de iniciar por conta própria um rigoroso inquerito ao que se passa nas prisões da República, e expôr ao publico com desassombro e verdade o resultado desse inquerito.

Pela nossa parte, põmos as nossas columnas á disposição das vitimas, onde publicaremos as suas queixas e as suas accusações, sempre que venham devidamente comprovadas e assinadas.

Da acção enérgica de todos nós, dependê o não volvermos de novo aos tempos inquisitoriais de Torquimada, ainda que, ás violências dos de cima tenhamos de opôr uma resistência pallavel e eficaz.

Hoje o ataque a todas as liberdades, em tempo de paz, não dispensa o individuo de defender a pele nas occasões criticas, exactamente como o selvagem se vê forçado a fazer, quando anda errante na floresta.

LEIAM
A minha defesa
POR
JORGE ETIEVANT
Preço, 50 reis

CONTENI.

MAX NORDAU.

Preço, 50 reis

DA MINHA TORRE

II

DA LUZ DO IDEAL

À LUZ DO PETROLEO...

Ninguém mais do que nós admira a nobreza do gesto do proletariado Russo rebelando-se contra a tirania dos czares e dos capitalistas em pleno período guerreiro, na época dementada e tórva em que os mais sérios socialistas se dobravam às exigências dum chauvinismo estreito, perdido o espírito nas cantatas glorificadoras dos turibulários do patriotismo. Foi um grande gesto, foi, sobretudo, uma admirável lição a dos Trabalhadores Russos, lembrando aos seus camaradas da Internacional os princípios básicos do socialismo, e efetivando no período mais intenso da horrorosa chacina a tática internacionalista e revolucionária há tantos anos apregoadas.

Devemos aos Russos a exemplificação do conceito libertário da vida, a afirmação pujante da vitalidade dos ideais revolucionários e devemos-lhes ainda o mais sincero e abnegado esforço para uma total realização do comunismo. Ninguém, cremos, ousou contestar estas verdades de uma luminosa clarividência, e se há diferenças de critério, se existem divergências de tática, essas não se prendem com a Revolução mas com o Bolxevismo — e este é, pese embora a afirmação a ignorantes fanatizados, uma coisa um pouco à parte da Revolução, muitas vezes até em completa antítese com ela.

Nós vemos na Revolução Social — tenhamos a paciência de repeti-lo! — o movimento entre-molecular, orgânico, das massas, afirmando e vivendo por elas e para elas mesmas, prescindindo de chefes e de senhores, dirigindo-se e mantendo-se a si próprias. Esta afirmação não significa que cada membro da multidão se torne um anarquista, nem, muito menos, que só devemos realizar a Revolução quando tivermos anarquizado toda a gente. Extranha quasi afrontosa hermenêutica seria essa — demais sucedendo haver por este mundo cabecinha revolucionária que nem com milênios de propáganda atingiria a sublimidade do ideal anarquista! Queremos a Revolução, mas este desejo não nos nasceu com o advento do sovietismo veio-nos de longe, desde o tempo em que principiámos conhecendo e vivendo as idéas.

Nunca aventámos a impreparação dos trabalhadores para demonstrar a impossibilidade de uma revolução imediata; o que nos assusta não é esta impreparação — é a audácia dos aventureiros sem escrúpulos que fazem da ignorância popular o fácil suporte das suas ambições irrefreáveis.

Não, não nos assusta a Revolução Russa, isto é, os camponeses tomando e socializando a terra, os proletários aposando-se das fábricas, os trabalhadores tomando as minas, toda uma série de factos reveladores dum intenso despertar da consciência social, altamente favoráveis à eclosão do espírito revolucionário. O que nos assusta são os partidos, as seitas, as coteries com a sua mórbida preocupação de tutelar e corrigir as multidões, passando-lhes a senta, a ficha, a ordem, enquadrando-os nos rígidos batalhões do exército proletário. O que nos assusta, o que nos faz temer pelo dia de amanhã, são os pruridos dogmáticos dos empertigados doutores do marxismo, todos eles rídiculos e enfiados em baboseiras científicas que Tchereckoff reduziu a cinzas há dois decénios, e que nós chamamos, muito graciosos e muito amigavelmente — idealistas... Idealistas! Estão bem longe os tempos, rudes mas francos, do nosso Gil Vicente.

Ao tomar a terra detida há tantos séculos pelos abutres da burguesia os camponeses de Itália ou da Rússia não sabem, de certo, que fazem anarquismo. Eles não conhecem Geesjau nem Réclus, Godovin ou Stirner, e provavelmente poucos de entre eles conhecerão o próprio Malatesta. Terão, quando muito, a consciência de uma flagrante e clamorosa desigualdade social. Mas fazem anarquismo aturando por si, mesmo, não delegando nem abdicando do seu esforço, e porque estas revoltas descentralizadas e impregnadas de espírito libertário estavam mais frequentemente na Itália do que em qualquer outro país semelhante-se muito aos levantamentos rurais que precederam a Grande Revolução, eis porque alguém disse, assinalando um facto, que luz vinha do radioso país do sol — da luminosa e rosada Itália...

Significa isto uma acusação à Rússia Operária? Não o digam, que mentem, e nós, os pioneiros da Revolução, não precisamos de mentir.

A frase de Rhillon deve traduzir-se como o magoadado protesto dum autêntico revolucionário que vê contrariada, detida a meio-caminho, essa Revolução iniciada com tam risonhas promessas. E porque se detém ela, porque não continua a Rússia Sovietista a sua marcha gloriosa?

É que um partido, rígido e hirto como todos os partidos veio substituir-se à acção popular, impedindo e contrarestando as tendências libertárias das massas.

Nós, que vemos o facto, rebelamo-nos contra essa terrível absorção do poder, apontando os perigos da ditadura, perigos que previmos desde sempre, ilucidados pelas lições reveladoras da história. Não é de hoje a nossa oposição intransigente ao método e à tática marxistas!

E nem só nós vemos o perigo assinalado; no próprio seio do bolxevismo irrompe a scisão, que nos acompanha e aplande. É típico o caso de Hescandra Kollontai; a inteligentíssima autora da Lei da Separação entre o Estado Russo e a Igreja, «commissário» do povo para a Higiene Pública, repudiando o bolxevismo e os bolxevistas depois de censurar nos últimos «as brutais medidas tomadas contra os anarquistas ao passo que concessões cada vez maiores eram feitas pelo governo à oposição moderada e burguesa.» Que nós não andamos na lua, que não somos «parvos» — ou idealistas como sóem dizer certos amigos dos diabos que por aí temos — provam-no mil testemunhos de pessoas insuspeitíssimas de fobia bolxevista, aprazendo-nos citar, pela sua indiscutível probidade, os arrazoados do capitão Sadoul.

De momento, uma pergunta: Qual é a preocupação máxima dos commissários bolxevistas? Digamo-lo desassombadamente — governar, governar sempre, embora à custa das conquistas da Revolução. Não o dizemos nós — di-lo o réclamisado capitão, assinalando um mal que sabemos inevitável. «Os bolxevistas não têm nenhum desejo de cair. É que muitos deles tomaram o gosto do poder que em todos os países tanto contribuiu para prevenir os espíritos e corromper os princípios.» Não é significativo o trecho? Pois ainda não é tudo!

O parlamento português

Muito curiosa a seguinte estatística que publicou o nosso distinto colega, «A Batalha»:

Nas últimas eleições da monarquia, dos eleitores inscritos, votaram... 63 % e nas eleições constituintes da República Estas percentagens, a quando das eleições do 14 de Maio, baixaram para... 51 % e por ocasião das eleições do Sidónio Pais, ficaram em... 34 % A eleição do actual congresso compareceram apenas, dos eleitores inscritos... 7 %

E andam por aí os patriotas a gritar que o parlamento é a representação da vontade unânime do país! Tem graça, não há dúvida! 7 por cento da população quer dizer, 7 por cento dos eleitores inscritos, o que é muito diferente é que escolheram os crioulos que haviam de legislar para uma nação inteira!

E fizeram-na bonita, lá isso fizeram. Tanto que podem limpar as mãos à parede... visto que não tem coragem para os correr à pedra!

O parlamento! Representação nacional! Arra! Uma borraqueira, é o que aquilo significa.

PALAVRAS CLARAS

Dum manifesto de William Morris, ao povo inglês:

Eu duvido que os trabalhadores conheçam o azedume, o ódio, que contra a liberdade e contra o progresso residem no coração duma certa parte das classes mais ricas do país.

Estes homens não podem falar da vossa ordem, das vossas intenções, dos vossos dirigentes sem um escárnio ou sem um insulto. Senhores do poder, contrariam as vossas justas aspirações, fazem-vos calar e entregam-vos, para sempre, atados de pés e mãos, ao Capital irresponsável...

Esta multidão que olímpicamente o bolxevismo quer governar, prometendo-lhe já chicote, deseja ir mais longe, empurrar para um *an-delá* a revolução iniciada há quatro anos, e o bolxevismo detem-na, corta-lhe a marcha, asfixia-a nas malhas apertadíssimas dum conjunto esmagador de *ukazes* e *prikazes*.

Ora escutem o sr. capitão Sadoul:

«Decerto as massas proletárias estão descontentes pelas razões de ordem económica anteriormente indicadas, e também porque, pela primeira vez depois da Revolução, a liberdade individual é violentada pelos actos inérgicos até à brutalidade dum Governo que governa Revolucionariamente. O camponês Russo (leiam — atentamente...) *libertário até ao fundo da alma*, malgrado ou por causa mesmo dos séculos de escravidão em que jazeu, vivêra o ano de 1917 num estado de doce anarquia que agradava infinitamente a este inimigo das leis. A descentralização à outrance realizada primeiramente pelos bolxevistas contribuiu a desenvolver nêle a ilusão de que jámais seria governado.

Há alguns meses os bolxevistas recentralizam com um vigor entusiasta.

Os regulamentos, restrições e decretos acumulam-se.» (Cartas do capitão Sadoul a Albert Tomás, paginas 3745).

Em nome da impreparação das multidões, e sobretudo apelando para a ignorância em que estas se conservam, querem os bolxevistas realizar a revolução pela ditadura. Vemos que, ao contrário do que afirmam, a ditadura não desenvolve mas atrofia o espírito revolucionário.

Os bolxevistas dizem que empurram — mas eles é que são empurrados! Em suma — a Revolução Social Russa, iniciada com fecundas promessas, detém-se a meio-caminho, impelida a custo pela oposição anarquista e popular. Na Itália não sucede assim. Os levantamentos irrompem simultâneos, impregnados de espírito libertário, tam libertário e tam irreverente que os senhores do Partido Socialista, os mesmos maganões que imprimiram nas listas eleitorais o escudo da República Russa dos Sovietes, deixam só, completa, absolutamente só nas suas revolucionadas de Ancona, o proletariado militante, unicamente orientado pelos idealistas do comunismo, anarquista!

Está nisto a diferença. A Itália recebeu da Rússia o influxo vital, mas alargou-o, intensificou-o, deu-lhe principalmente uma suave nuança de idealidade. É que na Itália está Malatesta, estão os anarquistas, e Malatesta, como expressivamente definiu Rhillon, polarizando em dois símbolos a duplicidade do conceito revolucionário — o conceito autoritário e o conceito libertário — é o dia, ao passo que Trotsky é apenas, lugubrememente — a noite.

Nem-êlé é culpado disso — nunca prometeu aos Russos mais do que aquilo que lhes deu — a ditadura do seu partido!

Tenham paciência, mas é assim, a luz, a luz revigoradora e forte do ideal, vem da Itália; da Rússia veni-nos a desoladora lição das coisas, e um pouco também outra espécie de luz — a do petróleo, menos fecunda, mas muito útil e sobretudo muito positiva.

Documentos

Acreditamos que a situação industrial ha-de ter, muito breve, importantes problemas a resolver — pelo que, para entender-se dos seus membros, devemos de votar todas as nossas energias e todo o nosso tempo aos assuntos do Trade-Unionismo — não devemos aceitar candidaturas ao parlamento. — Tom Mann e Browsable, secretários da U. dos Serralheiros ingleses (Amalgamated Society of Engineers).

Durante dois anos e meio, e em cada região, os russos tem sentido que não possuem o suficiente. No entanto, em qualquer parte da Rússia não se encontra uma simples fraqueza na resistência a todos os perigos da intervenção estrangeira.

Não possuem, porém, os trabalhadores ingleses que há na Rússia uma perfeita condição que possamos copiar. A nossa melhor política é a de construir o nosso próprio mecanismo, continuando com a nossa educação dos Sindicatos, Cooperativas, etc. Então poderemos, talvez, fazer a nossa revolução sem caos — Margaret Bondfield — (Delgada, com a Comissão britânica de observação à vida actual na Rússia).

Teoria e prática

De acôrdo com uma resolução tomada pela União dos Marítimos Australianos — resolução que tem por fim não permitir que alguém seja deportado sem julgamento — os marinheiros do vapor Nestor recusaram-se a trabalhar porque um Procurador Geral havia ordenado que fosse expulso o padre Jersey, que, para cumprir essa ordem arbitrária, tinha embarcado naquele mesmo navio.

Que belos exemplos nos vemos de fóra, bem dignos de ser imitados, sobretudo neste país, onde os governos e as autoridades dispõem de tudo e de todos, sem que um protesto eficaz se levante contra os seus atropelos e arbitrariedades!...

Os capitalistas não tem Pátria!

Lograram-se os intuitos maquiavélicos da decantada Polónia. O Exército Vermelho da República Russa dos Sovietes, vindo em perigo a Revolução com tanto sacrifício realizada, revestiu-se de coragem e num *elan* admirável investiu denodadamente sobre as hostes atemorizadas de Wrangel, levando-lhes o pânico, a desolação e a morte.

Nunca fomos intervencionistas, nunca nos preocuparam as dissensões entre os Estados burgueses, e, se a elas nos referimos, fizemo-lo apenas para deplorar as vidas aniquiladas em pugnas estêreis, as depradações sanguinárias, os cataclismos originados nas violentas cóleras bélicas. Mas o caso da Rússia e da Polónia é um caso à parte na série de conflagrações a que temos assistido nos últimos anos. Não pudemos esquecer, por maiores que sejam as nossas discordâncias doutrinárias com a orientação dos commissários bolxevistas, que a Rússia é o país onde a Revolução Social começa a efectivar-se, proclamando altivamente os direitos do Trabalho, merecendo por isso mesmo o ódio implacável, tigrino, infamíssimo dos demais Estados da terra.

Esse ódio da burguesia universal aos Bolxevistas Russos, atinge-nos também, magão-nos e fere-nos tanto como a eles — mesmo. Vemos nesta cólera senil e impotente dos senhores do mundo a manifestação iniludível do caracter eminentemente internacionalista da Revolução Russa, e esta torna-se-nos tanto mais querida e tanto mais simpática quanto é certo que procura expandir-se por todo o orbe, não lhe cabendo culpas pela criminosa apatia em que se tem mantido o proletariado, mais absorvido no mesquinho e imediato interesse do aumento de salário do que nos altíssimos problemas que a Revolução veio de novo pôr em foco.

É muito natural esta nossa atitude, simples imitação, de resto, do que pratica a própria Burguesia. Os capitalistas não tem pátria, especulam com todos os valores em todas as moedas, em Pekim e em Roma, em New-York e em Madrid, em Berlim e em Londres, e na mão de obra escolhem a preferem a mais barata, muito embora com prejuizo do deserdado compatriota. Há bons burgueses, plenos de nacionalismo chauvinista e obesos de democracia liberalista, que tem nos seus haveres papeis italianos e papeis franceses, obrigações prussianas e obrigações chinesas, marcos, liras, pesetas, cordas, duros e dolares — um verdadeiro mosaico de valores internacionais representativos das muitas vagadas de suor dos que ingratamente moirejam na — para alguns... — safara seara da vida.

Assim como há indivíduos há também nações. O caso da Polónia, da branca e immaculada Polónia, soerguida do caos bélico para entrar, virgem poluída, nos torpes confluos da Internacional Negra, é por demais frisante. Os senhores do Entendimento, receosos da intervenção do operariado nos negócios escuros da sua diplomacia, não ousaram atacar abertamente a Rússia Bolxevista; delegaram o encargo ignobil na reconstruída Polónia, que aceitou jubilosa o ingrato papel de carrasco.

Mas as colzas não correram como se havia previsto. O Exército Vermelho mostrou que não era «um rebanho de maltrapilhos e de famintos», — carne de canhão desmoralizável ao estampido de dois tiros... A Polónia, que entrara leoninamente pelas fronteiras desprevenidas da Rússia, teve de recuar a breve trecho — mas recuou em debandada, sendeiramente, na mesma atitude ridícula e deprimente que eles, os senhores do Entendimento, haviam vaticinado para os Vermelhos! A esta hora as tropas dos Sovietes galgam em afanosa correria o caminho de Varsóvia, e de lá ditarão as condições aos desmantelados Brancos, ou — o que seria o ideal — negociarão, a paz diretamente com as organizações proletarianas Polacas. Uma vez mais se confirma a verdade do apotegma Kantiano, a que Hamon insistentemente alude nos seus estudos da Batalha — «a posse do poder embrutece.»

Estúpida visão a dos Aliados que só vê e pesa os efetivos materiais, o número dos canhões, de muares e de homens, pondo de lado as *almas*, esse *quid* misterioso que tam fortemente atua nos indivíduos levando-os às maiores e mais gloriosas audácias. Os imponderáveis da Revolução manifestam-se assim vigorosamente, e de vitória em vitória as tropas vermelhas irão disseminando pouco a pouco o espírito de rebelião entre as multidões adormecidas.

Mas, agora que o perigo surge evidente, a máscara desaparece das faces impúdicas dos militaristas ocidentais, que sujo de medo, não ocultam os seus propósitos de aniquilar a Rússia. Para atingir este fim sinistro todas as armas e todos os meios servem, serve a própria Alemanha, ontem tam odiada e tam combatida, hoje convidada a tomar parte na *cruzada santa dos inimigos do socialismo* em nome da cultura universal ameaçada pela irrupção vulcânica das hostes Bolxevistas!

Não receiam os ex-camponeses da Latidade que o povo espesinhado e envilecido acorde finalmente para correr com os histriões que tam baixamente o mistificam, e nos bastiões tortuosos da diplomacia vão tramando conluos e planeando vinganças, não hesitando em oferecer à Alemanha a, atéqui, regateada revisão do Tratado de Versailles em troca do seu auxilio na improba campanha. Já não é o *junkerismo*, ou o militarismo prussiano o perigo a combater, mas sim o odiado Bolxevismo, e contra este se unem vencidos e vencedores, tendo nos olhos a visão lúgubre do espectro vermelho do socialismo, que os enche de pavor, irmanando-os num mesmo tenebroso objetivo. A esta união monstruosa da burguesia devemos responder nós com uma mais estreita e mais íntima solidariedade, fortalecendo a nossa Internacional dos Trabalhadores. Se a burguesia não tem pátria, se ela, que possui a terra, a fábrica e a mina, desdenha do conceito nacionalista e não hesita em lançar-se nos braços do estrangeiro para assegurar a posse íntegra dos seus bens — porque havemos nós — os párias, os róticos, os pés-nús — de estar com hesitações, não a imitando sequer? Agora mais do que nunca são bem, devendo-se gritar alto, as palavras de Marx — *Uní-vos, trabalhadores do mundo!* — Unámo-nos, sim, defendámo-nos pela força da nossa união e pelo prestígio da nossa inteligência a civilização em perigo — em perigo neste momento em que os barbaros *condottieri* da Internacional Negra do Capitalismo não hesitam em desencadear a guerra social e em semear a morte só pelo morbido prazer de retardar o inevitável — a nossa anceada e libertadora Revolução!

ARTE & ARTISTAS

DISPUTA

Voltaire dando com o pé numa caveira, ria
Com certo riso má, sinistro e mofador;
— A velha companheira, então da Teologia
Dos Santos e da Cruz, bradou ao pensador:

— E's tu impio Voltaire, ó verme roedor
Das folhas do Evangelho! O Satan da ironia,
Cujos risos cruéis fazem chorar Maria,
E despregam do lenho a ensanguentada flor!?

Tu tens lançado o cuspo aos astros lancinantes,
Abatado da Cruz os cravos vacilantes;
E ladrado de Deus que julgas a dormir!...

Mas olha em cima é o céu, dos astros sementeira!
— Voltaire disse-lhe então: Pois se assim é caveira,
Porque te encontram, sempre, ao pé da cruz a rir?

GOMES LEAL.

O naufrágio

Mar e céu turvaram de repente que, nem o mar era aquela poeta ondulação das águas, nem o céu aquele que costuma servir de motivo aos pintores. Mar e céu mudaram que as águas começaram de arfar, de empolar-se, de salivar rancores. A crita das vagas apareceu a baba branca do seu intimo, torvelinhoso e iracundo. Essa espuma fervente, conflituosa, a qual os homens do mar chamam «carneirada», fervido tropel de vagas apressadas, não é ainda um desabafo. É o período de impaciência e agitação que parece as grandes cóleras do mar. Não é ainda uma doença grave. É a febre precursora dela.

No céu vieram do horizonte, que se some na solidão das águas névens plúmbeas e grossas, primeiro milhafres perdidos logo a passo de carga transformados em gigantescas águas reais abrindo a imensidão dos espaços as suas trinfais e desmesuradas azas.

Entretanto o ar carregava-se de humidade, quando um cortante e viscoso hálito gelado. E o vento escancarando a guela abriu a sua navalha de ponta e começou talhando nos ares, nos céus e nas ondas os seus malévolos, contorcionantes golvões.

Um paquete que passa ao longe vai aos bordos como um gigante ébrio. Da alta chaminé sai-lhe continuo o seu golvão de fumo negro. Mas exactamente como um recluso da treva que a luz estontea, o vento toma-o nas suas mãos brutais. Ele debate-se, agita-se, enovelava-se, dispersa-se e luta ferozmente sem que leve a menor alquer deles. Mas passa de corrida, cambaleante, cuspidado da vaga que o empoeira e camarinha todo desde a linha de água até à ponte do comando. Resfolga e some-se distante, devorando espaço, fugindo ao prélio dos elementos em fúria. E só fica na imensa amplidão deserta uma pobre escuna, linda gaiivota branca, que incáuta e inocente será quem no fim pagará as custas.

Mar e vento renhem, e cordas de água, grossas como cablões, começaram descendo do céu. O mar empolado entra de irar-se e as ondas galgantes, gigantescas, invadem o navio de tropel como um bando de piratas furiosos. Ressoam como enormes bombos, e loucas, indômitas, esturjem, bramem, clamoram. Para lhe responder o vento silva, uiva, chia, zune. Toma o massame, e, como um diabo à solta, trepa as enxárcias, bamboleia-se, doudeja nas vèrgas, açoita o aparelho fazendo com que os altos mastros pareçam atacados dum tremor continuo. A cordagem chora desesperadamente e toda à porfia da matolagem é em que nem um palmo de bona fique onde elle possa arietar a pedição. Todas as velas foram cassadas não sem que algumas mais parecessem flâmulas do que panos de mastreação. E o mar, como um gigante bonacho que após o repasto alegre gosta de se divertir, toma a escuna nos dedos ágeis e passeia-a pelo

espaço, na crista das ondas. Ora a eleva ao céu, como se a quizesse arremessar ao infinito, ora a deixa cair de sacão, como se a quizesse arrojara aos infernos. Cabos lacerados agitam-se como chicotes baillando loucos, açoitando tudo. E tudo range, tudo chia, tudo geme, tudo prossegue na sua doida cavalgada, hiante, alagado, gotejante. De escabres não há restos, pois que um rolão de mar vassourante quebrou os turcos frágeis e os levou. E era tam linda a balieirinha! Também os gadanhos dos seus braços liquidos levaram a capoteira, destruíram a cozinha e carregaram com um moitão de cabos. E o mar metodicamente foi destruindo.

Agora na escuna nada mais se vê senão água. Tudo é água o convez alagado por uma onda enorme que vai e outra que vem. É água o horizonte perto, ceraceiro liquido, montanha gelada por detraz da qual está o abismo sem fundo, aberto, da Morte.

Momento a momento o mar se empola, o vento mais se ira. Momento a momento é mais negro o céu e mais cavado o mar. É o soturno, trágico, imenso, e o mundo todo parece que joga e cambaleia. Mas a escuna quer fugir, não quer morrer ainda, gaiivota que a Intempérie pôz trágica como uma avezita quase morta de frio. Não quer morrer e accossada pelo vendaval corre, vda célere, vergastada pelo mar e pelo vento. Mas há água já nos porões, água que sob, água a que as bombas não darão vazão...

Uma vaga levou dois homens enovelados, envoltos numa túnica de água branca, farfalhante. Outra levou o aparelho do leme com o marinheiro amarrado. Viu-se boiar a roda, como uma estrela minúscula, um segundo; depois tudo entrou na bruna cerrada.

Desatorado porque um mastro quebrára e outro fendera de alto abaixo, o navio parecia um cavalo indômito e sem cansasso.

Assim foi, até que a água aberta sempre subindo foi alagando tudo. Então, cavalo cançado e trôpego, a escuna entrou de afrouxar a carreira. Trôpego foi, até que de repente estacou batendo num rochedo. Empinou-se num som cavo, encolhendo-se depois sob uma grande onda que galgou as rochas em flor. Abriu-se, escorçou-se e então o mar em fúria começou a arrancar-lhe do costado táboas e madrelas com após fazia arletes. Iam, vinham que batiam, despedaçavam.

Assim foi uma tarde, assim foi uma noite. Depois, quando surgiram os primeiros livores da madrugada, o mar amansou e o céu tornou-se claro. Do naufrágio restavam apenas algumas táboas bolando e três ou quatro mortos. Aves redemoinhavam sobre os restos. E na praia distante agente de terra pilhava o que o mar arremessava. Chegava a sua vez. Entretanto o mar ia, vinha, arfava brincando, e da escuna, linda gaiivota branca, nada mais restava do que uma recordação...

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

PARA A HISTORIA DO BLOQUEIO CONTRA A RUSSIA

Revelações sobre a espionagem franco-inglesa na Russia

Zavoico, Petrovskaia, Dukes, Gibson & Cia.

O estrondoso fracasso da offensiva de Yudenitch contra Petrogrado ofereceu, ao governo dos soviets, a oportunidade de descobrir a existência de um *complot*, que mais uma vez pôz em evidencia a criminosa actividade dos aliados na Russia.

A *Pravda* publicou o relatório official da comissão extraordinária encarregada das investigações sobre o *complot*. Esse relatório prova que não somente altos dignitários do antigo regime, generais, cadetes, menxevistas, etc., se achavam comprometidos, mas que toda a conspiração foi organizada e dirigida por agentes da Entente, particularmente agentes ingleses e franceses.

O professor Bikov, antigo conselheiro do Império, estava designado para presidir a esse governo. Um certo Albrecht deveria tomar o ministério das comunicações e Weber, antigo subsecretário de Estados sob a czarismo, seria o ministro das finanças. Todas as outras pastas estavam igualmente distribuidas.

Todos esses aventureiros, Bakov, Weber & C.^a, membros do *Centro Nacional* (organização política dos cadetes), estavam em relações directas com os agentes do governo inglês. Entre eles encontrava-se um velho patife: Zavoico, homem de confiança do gabinete britânico, e já em 1917 comprometido no *complot* de Korniloff.

Até hoje — lê-se na *Pravda* consideravam-se a contra-revolução russa e a espionagem estrangeira como duas organizações independentes uma da outra. O *complot* que acaba de ser descoberto mostra, ao contrario, que as actividades de ambas são perfeitamente concordantes, e mais, que há uma contra-revolução mundial geral em que a contra-revolução russa representa apenas um papel secundario.

O plano da conjuração era o seguinte: No momento em que Yudenitch chegasse ás portas de Petrogrado, um levantamento interno se declararia na cidade. As tropas anti-bolxevistas seriam comandadas pelo coronel Lundekvist e a marinha pelo almirante Razvosov. Um governo contra-revolucionário tomaria o poder nas suas mãos.

Mas o agente principal da espionagem inglesa, em Petrogrado, era uma mulher de nome Petrovskaia, ex-membro do Partido Socialista Revolucionario, filiada, desde janeiro de 1919, no Partido Comunista.

Segundo as suas próprias declarações, ella recebera, em começo de outubro, minuciosas indicações sobre a necessidade de formar um governo provisório em Petrogrado, porque o governo do Noroeste era todo composto de especuladores e não prestava para nada.

Ela declarou ainda manter estreitas relações com o agente inglês Paul Duker.

O nome deste miseravel precisa de ser guardado. Ele escreveu, para o *Times*, uma série de historias tendenciosas e de ridiculas mentiras sobre a República dos Soviets... Um subsidio a mais para a avaliação dos processos em uso pela grande imprensa de informação: um jornal como o *Times* não sente o menor escrúpulo em acolher tão repugnante individuo e de impingir, como um Inquérito sério e imparcial, as infâmias de um espião furioso por ter sido desmascarado.

Dentre os outros agentes ingleses, a Comissão extraordinária revelou ainda o nome de um certo Gibson, encarregado da remessa de dinheiro aos guardas brancos.

Os conjurados contavam apenas com 300 a 350 homens. «Eis tudo — lê-se no relatório da Comissão — quanto os guardas brancos puderam aliciar com o ouro inglês e francês.»

Tal é, em resumo, a historia da última conspiração russa — aliada contra Petrogrado. Episódio repugnante, muito parecido com os numerosos *complots* e atentados anteriores revelados por Sadoul e Marchand. Os representantes aliados conduziram-se na Russia como um bando de sicarios e salteadores.

Os bonzos

Os bonzos socialistas parlamentares realizaram, nos princípios deste mês, mais um congresso internacional, na cidade de Genebra. Entre as muitas trapalhadas que lá se aprovaram, sobressai uma moção onde se lê este bocadinho... de oiro:

«A Alemanha republicana reconheço que tem o dever de reparar males feitos em consequência da agressão levada a cabo pela Alemanha imperialista.»

Isto é pura doutrina da Igreja católica, adaptada agora ao socialismo estatal — as patifarias do pai, devem ser pagas pelo filho.

Pobre socialismo! Os teus defensores, se não te venderam pelos 30 dinheiros do Judas, arrastaram-te pela lama e atiraram-te à sargota...

Com grande aplauso da classe capitalista, já se vê...

A verdade manda que se confesse que o Estado capitalista só muito imperfeitamente corresponde ás ideias que dele formam os cidadãos; procede até pior que os primitivos grupos bárbaros, pois que estes concediam aos seus membros uma liberdade individual, incomparavelmente maior que a dada pelos Estados civilizados.

MAX NORDAU.

OS DESEJOS DO SR. GRANJO

O comentador político do *Janeiro*, que é uma espécie de Argus que tudo vê, que tudo observa nos bastidores da mandriice e do ripanço nacional, atribui ao sr. dr. António Granjo estas peripatéticas palavras: — Há, em Portugal, uma série de individuos que quero esmagar, custe o que custar.

A simplicidade da «nota política» não nos diz de que qualidade de individuos se trata. No entanto, para quem tiver uns pequeninos conhecimentos dos meandros da politica portuguesa, não lhe é preciso mais do que aquilo para ficar a saber o que é que quer o doutor transmontano com a sua estranha e caricata filosofia governativa.

Em Portugal e após o tam celebrado 5 de Outubro, todos os individuos que tiveram a dita de ser guindados ás altas culminâncias do poder, o que sobremaneira os tem preocupado é a liquidação dos seus adversários e a perseguição aos trabalhadores, para lhes ficar o campo livre ás suas ambições e aos interesses das suas clientelas. De modo que a República, que não passava de um idealismo — vá lá, sejamos, ao menos, uma vez, optimistas — nos belos e gloriosos tempos da opposição violenta, veio a degenerar, na prática, num verdadeiro festim de Baltazar, ou «numa láuta bôda» onde come a Sarna toda, como diria o poeta, se pudesse modificar os seus versos e aplicar *el conto* só á sua «Pátria» e aos portugueses.

O sr. António Granjo, ao atirar, pela boca fora, as palavras que nos vimos referindo, foi o mais consequente possível com a dialéctica que vem sendo usada e seguida religiosamente dentro das instituições republicanas.

E para se exprimir assim, em «português de gente», não precisou, acreditamo-lo cegamente, de grandes esforços de intelligência. A historia politica e governamental dos seus antecessores, historia fresca, mesmo muito fresca, que eles lhe legaram... para somar e seguir, dava-lhe margem sufficiente para proceder e agir dentro dos moldes traçados, sem se importar com os resultados que de aí adviriam.

Ainda estão na memoria de todos as perseguições acintosas que se tem movido ás classes trabalhadoras, e, sobretudo, aos seus militantes mais activos. Ainda ninguém se esqueceu das deportações, dos vexames, dos máus tratos, das iniquidades, em suma, que se tem levado á prática, para eliminar adver-

sários enérgicos e decididos, que reclamam as coisas como elas devem ser reclamadas. Também, cremos, que não há af criatura que olvidasse as pribeões arbitrárias que se tem feito, a propósito e a despropósito de tudo, no intuito, está bem de ver, de liquidar, a pouca e pouco, os cidadãos impertunos. Sim, isto é de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes. ¿E sabem porque se faz isto? É porque os governos supõem-se os donos absolutos de tudo e de todos; é porque aquela borraqueira do *engrandecimento do poder rial*, passou-se, inteirinha, para a República, com esta rúbrica — *engrandecimento da pátria e do poder da democracia*.

E, de harmonia com essa falácia, os governos fazem tudo quanto quereni, e o povo, completamente embriagado, apara-lhe o jôgo, exclamando á novo rico:

— Não acho caro!...

Mas é de mais. Num país em que a opinião do povo tivesse algum peso, governo que fizesse o que tem feito os dirigentes portugueses, ou que vomitasse o que eles vomitam, havia de pagar muito caro a sua vida.

Pois bem: o sr. Granjo falou, e falou sem papas na lingua. «Há, em Portugal, uma série de individuos que quero esmagar, custe o que custar.»

¿Quais são eles? Diga-o, mas com toda a franqueza de transmontano. E explique-nos, também, de que maneira os pretende *esmagar* — se é com o peso do seu partido, da sua barriga, das suas botas, das suas nádegas ou das suas manípulas...

Nós, como adversários irredutíveis de todos os governos, de todas as *coterias* politicas, de todos os *sacripantas* que costumam trepar pelas costas do povo, temos o direito de pedir explicações categoricas.

Somos trabalhadores. E como tais, não podemos, estar à mercê dos caprichos de qualquer megalomaniaco, embora elle se diga doutor em leis...

E a vós, famintos, deserdados, nossos irmãos do sofrimento e da miséria, continuamos a dizer-vos:

— Nada esperéis de bom, dos governos. A vossa felicidade reside na vossa própria força. Organizai-a solidamente, longe das influencias politicas e burguesas; estudaí; educai-vos; meditaí, que, assim, haveis de atingir facilmente a meta das vossas aspirações: o Bem Estar.

ALFREDO GUERRA.

Significativo!

A *Gazeta de Francfort* publica as seguintes informações que nos apraz registrar:

«Encontra-se actualmente detida na estação de Carlsruhe uma grande quantidade de vagões de munições e material de guerra. Os ferros-viários recusam-se a transportá-los para a Polónia. Outros vagões de mercadorias destinados á Hungria, acham-se detidos pela mesma razão.»

«A mobilização húngara contra a Russia encontrou uma grande resistência por parte dos camponeses. Na região de Theiss, houve verdadeiras batalhas entre as patrulhas militares e os recrutas recalcitrantes, levando estes a melhor.»

São ou não são significativos este exemplos de solidariedade para com os bolxevistas?

Ah! que se todos os trabalhadores compreendessem a sua missão quão fácil seria o emanciparem-se completamente da tutela capitalista!...

Não há... como

os governos

Na Alemanha, os trabalhadores conseguiram que os seus salários fossem aumentados em 500 por cento. Boa conquista — dirão muitas criaturas que, no aumento de salário, vêem o remédio para todos os males que afligem os trabalhadores. Mas o peor é que o custo da vida aumentou 1.260 por cento. Pois apesar de semelhante carestia, o governo alemão, para *amenizar* um pouco a vida aos que trabalham e *dificultar* a existência aos que os exploram, propõe-se reduzir 10 por cento em todos os aumentos de salário, para... para... intensificar a industria e fortalecer o tesouro público.

Franquezinha, franca — para resolver os graves problemas que afetam os povos, não há como os governos.

Resta agora ver se os trabalhadores alemães lhe aparam o jôgo...

A's vezes, pôde ser que não estejam dispostos a isso.

O que era uma grande coisa...

NOTAS DUM PERDIDO

XXII

Sabe-se que para custear as despesas da última guerra—1914-1918—em artilharia, explosivos, equipamento e alimentação das tropas, a França pediu mais de 200 mil milhões de francos.

Ora segundo as últimas estatísticas, a França mobilizou oito milhões e meio de homens, dos quais se deixaram matar 1 milhão e 400 mil; mutilar, 800 mil; e ferir, 3 milhões... Quer dizer — 57 por cento dos seus homens com menos de 32 anos de idade, perderam a vida nessa horrível hecatombe!

Depois vem a devastação, que foi enorme, e a destruição sem conta, de habitações e haveres; 7 milhões e meio de acres de terreno arável revolvido e perdido; 5.500 quilómetros de caminho de ferro e 46 mil quilómetros de estradas, destruídos; 11.500 fábricas que, antes da guerra, produziram 94 por cento dos tecidos de lã, 98 por cento dos tecidos de linho, 60 por cento dos tecidos de algodão e 70 por cento do açúcar; minas que produziam 55 por cento do carvão para as necessidades do país, tudo foi arrastado e destruído! Um terço da frota marítima foi, também, afundada!

Pois, amigos — os que escaparam à odiosa sangueira, foram chamados a pagar já, este ano, de novas contribuições, nada, menos do que 20 mil milhões de francos!

É para coroar o sacrifício de se deixarem matar e tosquiar pela pátria, o parlamento francês, resolveu em fins de Julho, emprestar à Alemanha 200 milhões de francos por mês, durante meio ano, ou sejam 1.200 milhões de francos. Esta resolução foi tomada por 393 votos contra 83!

Os ingleses que, por sua vez, chegaram a mobilizar 8.654.467 homens, dos quais morreram 762.749, foram feridos e mutilados, 2.110.650 e se perderam 275.301; que viu afundarem-se-lhe 7.759.090 toneladas da sua frota marítima, numa guerra em que gastou oito biliões de libras, para combater o terrível *huno*, o desumano *bóche*, acaba também de votar um empréstimo aos capitalistas *ex-inimigos*, na importância de 5 milhões de libras!...

É os povos a odiarem-se e a tomar a sério a defeza das pátrias, quando os capitalistas tam bem se entendem o se auxiliam!

Sempre são muito bestas, os patrióticos pobres!...

XXIII

O que sucede aos padres não sucede à gente. Ora vejamos: Na

Solheira de A COMUNA

A AUTORIDADE

Excerto duma CARTA ABERTA do Dr. Eduardo Maia a M. Pinheiro Chagas:

Ex.ª deve saber o que é a autoridade, tanto mais que tem feito parte d'ela, tem o sêdo, e há-de continuar a sê-lo, não só na política, mas na literatura. Não a conhece tão bem, como seria para desparar, porque, tendo V. Ex.ª sido autoridade e por outro lado, não havendo cego que veja, nem tólo que se conheça, e sendo a autoridade cega como a justiça e excessivamente tóla, V. Ex.ª não deve lá conhecer a muito bem, embora pessoalmente, como homem, como cidadão, como cavalheiro, não tenha nada de

Catedral de Santo Loui, na Nova Atléas, e perante o padre António (assim se chama ele, e não confundir com aquêlo outro que, com o mesmo nome, se exhibiu em Lisboa, para os lados do Forregial), compareceram dois jovens italianos, nãtridos, espadados e fortes, resumando virilidade, com a doce intenção de que o padre os cassasse, segundo os preceitos e ritos da religião católica. Pois o padre António não os quiz casar, porque a fêmea, além de outros entusiasmos prededicados, se lhe apresentou em tal estado, na igreja, com um vestido tam transparente que diríamos «um manto diáfano sobre a nudez forte da verdade», como um pedaço de mármore, e que o reverendo descreveu como sendo «toda mais do que um pouco de gaze sobre a cintura».

Ante esta aparição inesperada, de se transportar à igreja o que só depois dos convidados retirarem era de uso iniciar na alcova nupcial, o reverendo ordenou que se apagassem todas as lâmpadas da igreja, expulsou os noivos do templo, onde só cabem virgens de pan, dizendo-lhes que só completamente vestidos os poderia matrimoniari. «Era muitíssimo para mim», exclamou ele para o sacerdote, a caminho dum recanto da sacristia, num fiel arrebatamento de virilidade do seu terceiro sexo, inimigo fidagal das belezas e formas femininas.

A religiões sempre criam e mantem cada aberração!

Como da América e de outro casamento se trata, reproduzimos também esta notícia:

Os Vanderbilt fazem parte daquelas famílias americanas, milionárias e felizes, para quem a vida é só prazer e gozo e, conseguintemente, jámais esteve cara. Pois um dos filhos, o Cornélio casou-se, há pouco, em New York, e a noiva foram oferecidos presentes no valor de mais de 200 mil libras, estando entre elles uma tiara no valor de 64 mil! O hólo casamenteiro, talvez o maior dos, até hoje, manipulados, tinha cerca de dois metros de altura; e, à festa, assistiram derto de 6 mil pessoas!

A contrastar, de muitos sabemos nós, que, por sinal, se estalfam a amontoar as fortunas daqueles, enjos filhos, se se casam, e só para transportar e oferecer a miséria de uns aos outros.

E não estivessem as coisas no mundo mais retorcidas do que um córno...

GRAND-GOSSE.

tólo e seja extremamente delicado. Nem parece que já foi autoridade!

Não há ninguém que a não conheça e que a não odeie também; tal é o seu feitio!

Ela está em contacto permanente conosco e mete-se nas coisas mais miudinhas da nossa vida. Está em nossa casa, á nossa porta, na rua, na freguesia, no bairro, na cidade, na nação, no continente, no mar, no mundo, em toda a parte. Em a gente dando um passo depára logo na frente com a senhora autoridade!

Ela tem sempre a mesma cara repugnante, o mesmo gesto altivo, o mesmo olhar suspeitoso e insolente. A pretexto de nos proteger, não trata se não de se proteger a si própria e obriga-nos a mil violências. Considera-nos embeccs, de menoridade, incapazes de nos dignirmos e de nos governarmos e por isso quer em tudo governar e governa-se melhor de que todos nós juntos.

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

COMPRAI A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil—Calçada do Combro, 38

Tabacaria Barbosa—Rua do Carmo, 67.

Rosa & C.ta—Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo—Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran—Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Ideal—Rua dos Correiros, 211.

Tabacaria Pires—Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes—Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva—Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga—Rua do Rato.

A Moldura do Castelo—Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto—Rua da Bica do Sapato, 16.

Quiosque de Alcântara—Júlio Joaquim Pimenta.

Sindicato Unico Mobiliário, continuo—T. da Agua da Flor, 16-1.º.

Mercado Literário—José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Tabacaria Pereira—Rua do Livramento, 56.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma—Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves—Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

nos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhos, 124 e County Street—New Bedford Mass.

Usa corôa na cabeça, ou tiara, ou barrete, ou capacete, ou bonet numerado, ou gorro, ou qualquer coisa que não use mais ninguém. O que éla quer é *distinguir-se*, quer fazer-se saliente, que todos a conheçam bem, para que a respeitemos muito. Não se confunde conosco, nem quer de modo algum confundir-se; não se quer parecer com gente!

Porque éla não é gente, nem parece ter-lhe o trato. Não tem familia, nem amigos, nem sexo conhecido. É hermafrodita. Reproduz-se e vive por processo e meios sobrenaturais. Não tem amigos nem os teve nunca; os próprios parentes e vizinhos a odeiam. So quer que algum a ostime, disfarçasse, veste-se á paisana, mas quando faz isto torna-se logo suspeita. Ninguém quer o seu contacto, nem o seu aperto de mão. Como sabe que é odiada, também não ama ninguém. Em a gente vendo um sujeito com uma autoridade ao pé, com um

O miguelismo

O estado da Beira, em principios da primavera de 1831, era para inspirar sérias reflexões aos menos timoratos.

Larga rede de acusadores públicos cortavam, em cada dia, a paz das familias, jurando de *visu* cousas que não haviam visto, nem podiam ver; ou porque o juramento recaia sobre circunstâncias que, poucos dias depois, se reconhecia que eram falsas; ou porque se verificava que o acusador, na hora por ele próprio indicada, não podia ter visto aquilo que denunciava com juramento!

A justiça do tempo não se incomodava, porém, com estas irregularidades, que só atormentavam familias, roubando-lhes os chefes, ou serviam de fundamento para sequestros, para apupadas, e para insultos, mesmo a senhoras desprotegidas e indefesas.

Os mal intencionados tinham largas ensanchas para poderem cometer os desacatos, que sempre cometem quando há governo que lhes consente, e lhes ajuda. Que importância podiam ter estes desvios da justiça e da caridade perante o modo por que tantos entendiam a glória do sr. D. Miguel? Era tal e tamanha, que alguns dos seus admiradores diziam que D. Miguel firmava o reino com o cacete. Outros, mais tarde, haviam de pôr-lhe o busto sobre um altar mór, e cantar-lhe missa...

Alguns padres faziam, do púlpito, tribuna de demagogos, e concitavam o povo a ódios e a vinganças. A maior parte destes por ignorância, e muitos por espirito evangélico, faziam dos «pedreiros livres», abomináveis descrições, que jogavam parêlhas com a letra das proclamações do sr. D. Miguel em 1824!

É certo que, por esta forma, os prégadores inspiravam a uma turba de maravilhosa ignorância, o pior dos ódios, o fanatismo, que vinha adicionar-se aos rancores políticos.

Tinha já vindo a público o feroz decreto de 9 de Fevereiro de 1831, em que eram criadas comissões especiais para julgarem as pessoas *compreendidas nos crimes de aliciação para a revolta, sedição, ou movimentos tumultuários*.

Nêle se ordena que um dos magistrados, á escolha do presidente, fosse encarregado da instrução sumária, e simplesmente verbal, sem sujeição a formalidades judiciais, *de que se tornam indignos réus de tam execrands crimes*; e que as sentenças fossem *irremediavelmente executadas nas vinte e quatro horas que se seguissem áquela em que houvessem sido dadas*.

Uma parte da nobreza, ignorante e vaidosa, que a reacção de D. Maria I, as duas regências, e o governo de D. João VI, haviam lentamente preparado, açulava á plêbe audaciosa. Depois se viu que foi precisa-

policia ao lado, por exemplo, enche-se logo de pezar. Aquêlo sujeito vai mal, tem muito má companhia. A autoridade repugna. Quando em minha casa me dizem que está ali um policia, fico logo assustado e atendo-o rapidamente. Eles não vem cá por bons; e apesar de eu não ter crimes, recheio que mos inventem ou mos tenham inventado.

A autoridade tem obrigação de sêr sempre malcreada; se não fór, não presta. De um sujeito malcreado e insolente, diz-se que *tem o rei na barriga*; era melhôr dizer que tem a autoridade na barriga, visto que o rei é o primeiro e o principal representante d'ela na terra.

En fa a escrever que éle é o principal representante *civil* d'ela na terra; mas emendei porque a autoridade não tem *civilidade* nenhuma.

Também não tem sciência nem consciência. É, essencialmente brutal. Se tivesse inte-

A COMUNA

De novo insistimos com os camaradas que tenham em seu poder listas da subscrição já preenchidas para que as enviem a esta administração o mais breve possível bem como as respectivas importâncias.

Igualmente convidamos os camaradas que se subscreveram na primeira lista publicada e ainda não entraram com as respectivas importâncias a fineza de o fazerem também com a maior brevidade, afim de não se verem forçados a deduzir as quantias em débito, da totalidade da subscrição, em um dos próximos números.

Transporte . . . 3.478\$82

Lista n.º 16

Entregue por Cláudio C. Simões:

Joaquim A. Oliveira . . .	\$30
Gaspar A. Oliveira . . .	\$30
Manuel Costa . . .	\$10
Alvaro Pinheiro . . .	\$20
Joaquim Moreira . . .	\$20
Maria . . .	\$03
Valença . . .	\$20
Mendes . . .	\$50
Aurelio . . .	\$20
António da Silva . . .	\$20
Maria Candida . . .	\$04
Claudina . . .	\$03
Primavera da Conceição . . .	\$05
Soma . . .	2\$35

Lista n.º 28

Entregue por Eduardo Gonçalves:

Eduardo Gonçalves . . .	\$500
Manuel S. Arouca . . .	\$500
Miguel M. Fonseca . . .	\$50
Rodrigo Soares . . .	\$50
José V. da Silva . . .	\$50
Francisco D. Ferreira . . .	\$50
Augusto Rijo . . .	\$20
António J. Baptista . . .	\$51
José Maria . . .	\$25
Manuel P. Melicia . . .	\$50
Delim Pereira . . .	\$50
João S. Batista . . .	\$20
Afonso S. Guimarães . . .	\$05
José . . .	\$00
João Mendes . . .	\$50
Joaquim A. Oliveira . . .	\$50
Joaquim Marques . . .	\$50
Florindo . . .	\$20
Mário M. Batalha . . .	\$50
Jaime D. Ferreira . . .	\$50
Joaquim D. Ferreira . . .	\$50
Soma . . .	13\$85

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Porta-voz da organização operária portuguesa

mente essa parte que não deu soldados ao exercito rialista; ou a que só o forneceu de milicianos fugidicos, ou sempre em casa com pretexto de moléstia!

O povo, dependente e mergulhado em trevas, propendia para todos os desatinos da credulidade fanática.

A divisão do exercito que mandava na Beira, era ordinariamente comandada por homens a quem a própria consciencia fazia temer o pequeno número dos que tinham a idea do futuro.

O clero ignorante limitava as suas aspirações á continuação dos dízimos e prebendas...

E assim teve o partido miguelista por agentes, na perseguição aos liberais, muitas das suas autoridades; por com-

ligência deixava de ser o que é, suicidava-se. Não tem consciencia; tanto se importa de oprimir e esmagar o pequeno, como de alivar e perdoar ao grande. Mas como todos os tolos tem um pouco de maldade, prefere beneficiar os grandes.

Anda sempre muito limpinha—por fóra e armada até aos dentes. Toda ela é dentes e barriga. As vezes não tem grandes meios, mas finge tê-los. O que éla não quer é parecer pobre, não fraca. A pobreza repugna-lhe e por isso é maltratada por ela. Quer parecer sempre rica, para ser mais respeitada. Se não pôde pagar as contas, caloteia um e outro, na certeza de impunidade. Muito limpinha por fóra; por dentro mete sempre nojo. Tal como a sua moral. Por fóra cordas de viola; por dentro, pão holo-rento.

A autoridade levanta-se pela manhã cedo muito preparada e enfeitada; ás vezes depois de

Lista n.º 29 e 30

Entregue pelo Grupo dos Deserdados:

Francisco Maia . . .	\$300
Manuel Trolha . . .	\$20
José «Moleiro» . . .	\$50
Mota . . .	\$20
Ezela . . .	\$10
João Rodrigues . . .	\$10
João Pelonia . . .	\$05
Joaquim Mota . . .	\$10
Camélias . . .	\$15
Américo . . .	\$21
Mula segurada . . .	\$20
Rita Penada . . .	\$10
Felix Pereira . . .	\$10
Manuel Nabo . . .	\$30
Joaquim F. Bastos . . .	\$10
Manuel Monteiro . . .	\$10
Um anonimo . . .	\$50
Garrido . . .	\$10
Sabino . . .	\$05
Felix . . .	\$20
Bernardino . . .	\$20
José Pinto . . .	\$10
Joaquim Martins . . .	\$10
Soma . . .	8\$70

Lista n.º 88

Entregue por J. J. Torrejais:

José J. Torrejais . . .	\$300
Francisco Gonçalves . . .	\$50
António P. Moita . . .	\$30
Manuel B. Rogado . . .	\$30
J. Carrasco Torrejais . . .	\$20
Romão R. Galiana . . .	\$50
António C. Pica . . .	\$05
Manuel C. Correia . . .	\$20
António J. Correia . . .	\$07
Soma . . .	3\$12

A transportar: 3.596\$44

Aos nossos assinantes e agentes

Por este meio levamos ao conhecimento dos nossos assinantes e agentes que vamos iniciar a cobrança dos seus debitos.

Os assinantes e agentes de Lisboa que desejem antecipar-se no pagamento, evitando-nos despesas do correio, podem fazê-lo por intermédio da administração de «A Batalha».

A todos os agentes do país e Brasil, lembramos a conveniência de fazerem as liquidações mensalmente afim de evitarem dificuldades á vida do jornal.

para do drama, a plêbe por elas sublevada, por demagogos, muitos padres; por argumento, as prisões; e, ás vezes, por conclusão, a fôrca!...

DR. A. SILVA GAYO.

curtir uma grande bebedeira. Arma-se de espingarda ou de sabre, põe um cintarão cheio de cartuchame e vai postar-se ás portas da cidade. Espião e saltador ao mesmo tempo. Uma pessoa vem entrando. A autoridade aproxima-se. Alto aí! diz ela. A pessoa para transida de medo; vê logo um bocado—o dizimo ou o quinto. Quinta—a e fica nas suas três quintas. Se trás vinho bebe-lhe logo uma parte. Laranja, uva, queijo, azeitoe, leite—tudo lhe serve, tudo lhe paga direitos. Porque? porque éla quer. Quero posso e mando—é a lêma da autoridade. Se a pessoa não trás nada e se ó mulher apalpa-a. Ela sabe os cinco sentidos. O primeiro é vêr; o quinto apalpar. Vê e apalpa; não se contenta com pouco.

(Continúa.)